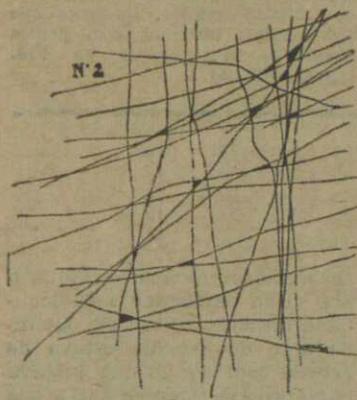


«PIRÂMIDE» — N.º 2

Colocado perante este segundo número da «Pirâmide», talvez valesse a pena perguntar se, na verdade, a pirâmide fala. E talvez pudesse ir adiantando que depois da activa necrofilia do primeiro número, onde os mortos autênticos andavam a bater passo no mesmo ritmo de alguns mortos adiados, há aqui uma atitude que merece uma meditação, ainda que forçadamente breve.

Um conjunto de trabalhos que pode definir *um dos caminhos de uma geração* deve sempre alguma coisa a si mesmo e muito aos outros, aos que podem parecer espectadores meramente distraídos. As mesas do Café Royal já conheceram — dizem-nos — os



PIRÂMIDE

cotovelos de Fernando Pessoa; natural é que entrem agora em contacto com outros cotovelos, mordidos pela mesma natural ânsia de afirmação que, curiosamente, tem também muito de mitologia nacional.

Tal o que poderá ser demonstrado em dois textos em prosa, o inicial de Máximo Lisboa e um outro muito mais sumarento de Luís Pacheco. Vejamos porém por partes para conseguir atingir o objectivo. Assim a contradição inicial de Máximo Lisboa: «Temos os poetas, depois do emprego e sem compromisso, a que pertencem grande número das classes mais prósperas da nação: advogados, jornalistas, empregados comerciais, professores e outros» (ou sejam: todos os poetas portugueses, apenas com a excepção de alguns desempregados, mais ou menos involuntários e que obstinadamente lutam pelo emprego entre as *classes mais* (ou menos *prósperas da Nação*).

Mas se isto poderia estar certo, como já vimos que não está, haveria a segunda citação: «Citando uma figura conhecida já Régio (o poeta das multidões) a tinha exposto: «Não sei por onde vou/Não sei para onde vou/Sel qu não vou por aí!», com a fúria lúcida dos grandes momentos. Poucos, muito poucos, sabem gritar assim. Poucos, muito

poucos, sabem quanto isto custa». Julgo que assim é, mas gostaria realmente de saber que o professor liceal José Maria dos Reis Pereira não estará entre os tais poetas que pertencem às *classes mais prósperas da Nação*, com uma exemplar folha de serviços no Liceu de Portalegre, cidade do Alto Alentejo.

Se é possível distinguir entre a função, digamos, cívica e a outra, a *malditamente* poética, lá se vai a primeira citação; se não, some-se a segunda e, feitas as finalíssimas contas lá se vão ambas por não se ter considerado a dimensão sócio-cultural do País, como já os surrealistas, incluindo André Breton, fizeram em relação à França. A lógica de uma atitude há-de ser sentida em todas as dimensões do homem dentro da tal sociedade que é a nossa, com a poesia amarga que nos vai sendo possível...

Quanto aos poetas incluídos, julgo que a citação de três versos de dois deles, bastarão para mostrar que a saudade do emprego chorudo também aqui está, pois então! Assim, primeiro, Sena Camacho: «E assim se me consome a vontade/inútilmente». Julgo que este ideário pequeno-burguês é o que se pretende condenar no artigo de Máximo Lisboa. Depois o outro, de António Pinheiro Guimarães: «um grito surgiu na noite da Grécia Antiga», e julgo também que este refúgio no passado está não só condenado nesse mesmo artigo, mas sobretudo no longo texto de Virgílio Martinho dedicado ao exame do movimento «57». Ora se nem sequer os poetas são capazes de corresponder ao que se deseja, que havemos nós de fazer?

Quanto ao texto (extra) de Luís Pacheco, distingamos entre o tom nobremente indignado e certamente crítico e aquilo que nele há de preocupada escarpelação do que *nacionalmente* nos pertence. Note-se que esta constatação em nada me afasta de estar plenamente de acordo com o sentido objectivo da crítica onde a demonstração se serve das tenazes da lógica para conseguir os seus fins, como neste passo: «a engraçadíssima e esclarecedora manobra de outras folhas de poesia e prosa, onde está-se mesmo a perceber que os consagrados vêm a capítulo, não por afinidades estéticas ou ideológicas, ou reverência de admiradores, ou sequer por epigonismo (inconsciente? consciente?) de discípulos, mas para que na portaria figurem: de cambulhada, um Egito Gonçalves ao lado de José Gomes Ferreira (A SERPENTE), um José Terra ao lado de Jorge de Sena (ÁRVORE), um António Carlos ao lado de Manuel Bandeira (CASSIOPEIA)...» Ora aqui

está o cordel com que se faz, em alguns afamados estabelecimentos poéticos, o embrulho da celebridade, justamente denunciado por Luís Pacheco que, no resto do texto diseca com acuidade e impertinência alguns outros factos similares, ainda que de nível diverso, que a feira das letras vai permitindo.

Quanto a Virgílio Martinho iremos supor que, em certa parte do seu artigo a razão lhe pertence, mas deixa de lhe pertencer mais inteiramente quando, em nome da sua própria consistência psíquica, derivando de um espaço geográfico humano caracteristicamente diferenciado na Europa, ou no Mundo, condena algo que lhe estará mais próximo do que poderá parecer. Seria curioso, também, verificar que é em nome do próprio passado, que sente pesar-lhe na pele, que Virgílio Martinho repele grande parte das próprias posições do «57». Ora a pergunta cuja resposta poderia mostrar que realmente assim é, foi deixada, «por causa da extensão e do perigo que encerra» em branco: «Que pátria ou que filosofia de pátria está a decair?». Enquanto a ela não for possível responder claramente, haverá sempre algo da posição deste autor e também de toda a «Pirâmide» que há-de permanecer senão irrevelado, pelo menos pouco fundamentada em termos que possam ser amplamente discutidos. Evidentemente que há aqui o perigo, mais do que evidente, de me deixar também arrastar pelo silêncio necessário, dado que se as perguntas não têm resposta, por não ser

curial dar-lha, estarei comprometido pelo silêncio. Mas, se assim tem de ser, como se há-de fazer de outro modo?

Censurem-se agora o francês de Carlos Loures, tal como a tipografia bem escalonada de José Carlos González: o que há de vincadamente epigonal (inconsciente? consciente?) nestas duas amostras de poesia talvez nem valesse a condenação. Mas fale-se com o elogio necessário de Saldanha da Gama (estes dois versos finais nos dão a medida do poeta: «Lá a angústia amanhecendo intui a magia/e concebe o primeiro homem constelação»), de Manuel de Castro, que nos fala «do tempo crivado de buracos, baleado / assassinado, corrupto, perdido» e ainda de António José Forte e José Sebag. O que há por vezes a minorizar o poema de Herberto Helder será uma recordação de palavras de Rilke (anjo, fecundo mês, tecedeiras, e outras) na tradução de Paulo Quintela. Mas lá irrompe uma clara obscenidade com algo de profundamente telúrico, que lhe concede um lugar perfeitamente distinto na poesia portuguesa mais jovem.

Balanco? Será ainda cedo para tanto. Será, até, sempre cedo para traçar balanco, na medida em que exigem eles a classificação das situações líquidas, que têm sempre sinais concisos e precisos: negativas e positivas. E quem virá, de entre a hierarquia infinita do homem, estabelecer esse balanco tão afirmativo?

Haveria ainda uma pequena nota pessoal para aquilo que pode ser a quota de irresponsabilidade ou de «desemprego» de alguns dos distraídos da «Pirâmide»: dar a devida atenção a «Tempo Presente», o mesmo se não poderá dizer de alguns dos elementos «piramidantes»... A. M.

Novidades

publicadas

no
Mês

de
Julho

por

Na colecção: «A VIDA QUOTIDIANA»

• n.º 7: «EM CARTAGO NO TEMPO DE ANÍBAL»

de Gilbert e Colette Charles-Picard

Esc. 40\$00

Na colecção: «ENCICLOPEDIA LBL»

• n.º 4: «DOS ANIMAIS E DOS HOMENS»

de Jakob von Uexküll

Esc. 20\$00

Na colecção: «MINIATURA»

• n.º 103: «AO COMEÇO DO DIA»

de Truman Capote

Esc. 12\$50

Na colecção: «VAMPIRO»

• n.º 146: «A RAPOSA QUE RI»

de Frank Gruber

Esc. 12\$50

LIVROS DO BRASIL, R. Caetano, 22 - Lisboa